

EDUCAÇÃO SOCIAL E A "CAÇA" AOS CORPOS DAS "BRUXAS" NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO: UM DIÁLOGO FILOSÓFICO CRÍTICO ENTRE ADORNO E FOUCAULT

Isabella Fernanda Ferreira ¹ e Rômulo Ballestê Marques dos Santos ²

Resumo

Esse artigo objetiva analisar, por meio de um diálogo crítico entre conceitos elaborados por Theodor W. Adorno e Michel Foucault, de que maneira os corpos das mulheres são capturados pelo capitalismo contemporâneo. Etiquetadas como "Bruxas" nas redes sociais, a publicidade e as propagandas gerenciadas pelos algoritmos mobilizam mecanismos de incitação à violência contra as mulheres, contra formas de existência e de manifestação de sua sexualidade. De modo idêntico perguntamos: quem são as bruxas e como é o modo como são tratados esses corpos na contemporaneidade? Os conceitos formulados por Adorno - "mentalidade do ticket", "indústria cultural" e "semiformação" -, fornecem suporte para uma análise crítica que se alia à analítica que Foucault desenvolve para investigar o poder, o qual passa necessariamente pelo corpo, e trata do dispositivo disciplinar e do biopolítico, sobretudo nas formas de produção da sexualidade. Apresenta a educação social no sentido defendido por Adorno que tem como premissa para qualquer projeto educacional a pretensão emancipatória de que não se repita o genocídio e os horrores perpetrados nos campos de concentração nazistas também presentes de modo semelhante - ainda que com suas singularidades históricas - no fenômeno de caça às bruxas na Idade Média. Para tanto, por meio de uma pesquisa crítico-filosófica de tipo bibliográfica com abordagem qualitativo-conceitual, valemo-nos de um ponto de encontro metodológico a partir de um dos elementos da dialética negativa definido por Adorno como "prioridade do objeto", em intersecção com o posicionamento de Foucault pela criação de dispositivos de investigação que analisem o poder.

Palavras-chave: Bruxa; Redes sociais virtuais; Adorno; Foucault; Teoria crítica.

¹ Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. Pós-doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires - UBA/Argentina. Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação do Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Uma das fundadoras da Rede Nacional de Pesquisa "NEXOS - Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar" constituída por sedes interinstitucionais de pesquisa divididas pelas regiões do Brasil. Líder do "NEXOS - Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar - Centro-Oeste/Norte. Membro como pesquisadora do "Consórcio Internacional de Teoria Crítica" organizado e produzido pelo "Instituto de Pesquisa de Humanidades da Universidade da Califórnia, Berkeley e a Fundação Andrew W. Mellon.

² Doutor e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e parte do doutorado foi desenvolvido por meio do PDSE na Columbia University, em NY. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Membro como pesquisador na Rede Nacional de Pesquisa "NEXOS - Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar" na regional Centro-Oeste-Norte, atuando na "Linha UFMS - Teoria Crítica, Educação, Cultura, Trabalho e Movimentos Sociais".



SOCIAL EDUCATION AND THE "HUNT" FOR THE BODIES OF WITCHES AT THE CONTEMPORARY CAPITALISM: A CRITICAL PHILOSOPHICAL DIALOGUE BETWEEN ADORNO AND FOUCAULT

Abstract

This article aims to analyze, through a critical dialogue between concepts developed by Theodor W. Adorno and Michel Foucault, how women's bodies are captured by contemporary capitalism. Labeled as "Witches" on social networks, advertising and advertisements managed by algorithms mobilize mechanisms to incite violence against women, forms of existence, and manifestation of their sexuality. In the same way, we ask: who are the witches and how are these bodies treated in contemporary times? The concepts formulated by Adorno, "Ticket Mentality", Cultural industry and semi-formation provide support for a critical analysis that combines with the analytics that Foucault develops to investigate power, which necessarily passes through the body, when it dealing with the disciplinary and biopolitical device, especially in the forms of production of sexuality. Presents social education in the sense defended by Adorno, who has as a premise for any educational project the emancipatory claim that the genocide and the horrors perpetrated in the Nazi concentration camps do not happen again, also present in a similar way - albeit with their historical singularities - in the phenomenon of witch hunts in the Middle Ages. Therefore, through a critical-philosophical bibliographic research with a qualitative-conceptual approach, we use a methodological encounter from one of the elements of the negative dialectic defined by Adorno as "object priority", in intersection with Foucault's positioning for the creation of research devices that analyze power.

Keywords: Witches; Virtual social networks; Adorno; Foucault; Critical Theory.

1. As "bruxas" de ontem e hoje: as metamorfoses nos corpos das mulheres em suas relações com o modo de produção da sociedade

A Roda do Ano e os Sabbats. [...]. Em sua trajetória anual, o Sol atinge dois pontos de afastamento máximo em relação ao equador celeste, tanto para o norte como para o sul. Esses pontos são chamados de solstícios, o de inverno marcando o dia mais curto do ano e o de verão, o dia mais longo do ano. Os equinócios são os pontos de intersecção dessa trajetória aparente do Sol com o equador celeste, determinando dois momentos em que o astro se encontra exatamente sobre o equador, quando o dia e a noite têm a mesma duração. O equinócio de primavera representa o ponto mediano entre o solstício de inverno e o de verão, enquanto que o equinócio de outono marca a metade do caminho entre o solstício de verão e o de inverno. Os povos antigos celebravam as transformações ocorridas na natureza ao longo da Roda do Ano, por meio de festivais (FAUR, 2020, p. 425, grifos do autor).



A “Roda do Ano” é como o povo pagão denomina e organiza o seu calendário anual, portanto, possui, em termos antropológicos, uma importância central para o paganismo como meio de organizar e dar sentido simbólico à vida social presente em rituais de passagem importantes da vida das pessoas, como, por exemplo: o nascimento, o casamento, a separação, o luto e demais. Tal calendário prevê as celebrações diárias dedicadas cada dia para uma deusa ou deus, e ainda é constituído pelos grandes festivais conhecidos como “Sabbats”. Por meio destes, os camponeses e camponesas celebravam e acompanhavam as mudanças das estações do ano, que eram centrais para a manutenção da sobrevivência coletiva, uma vez que o modo de produção estava diretamente relacionado com os processos de plantação, cultivo e colheita. Justamente por acompanharem as estações do ano é que existem dois calendários para as comemorações dos Sabbats, a saber: a roda do ano seguida pelos países do Hemisfério Sul e a roda do ano seguida pelos países do Hemisfério Norte (FAUR, 2020).

Os Sabbats eram e ainda são centrais para o paganismo, e são constituídos por oito¹ diferentes festivais comemorados em datas diferentes pelos países do Hemisfério Norte e pelos países do Hemisfério Sul, com os seguintes nomes: *Samhain*; *Yule*; *Imbolc*; *Ostara*; *Beltane*; *Litha*; *Lughnassadh* e, por fim, *Mabon* (BUCKLAND, 2019). Com isso, declaramos que é impossível tratar sobre qualquer assunto que esteja relacionado direta ou indiretamente ao paganismo e à bruxaria, sem considerar a existência e a função social dos Sabbats para o coletivo que compõe ou se identifica com o grupo social, cujos sujeitos, por meio da relação que estabelecem com os Sabbats, manifestam seu pertencimento e

¹ Em Faur (2020), é possível ter a descrição completa do significado de cada um desses oito Sabbats. “A sequência do relacionamento da Deusa e do Deus é retratada pelos Sabbats. Para os celtas, o ano começava em *Samhain*, quando o Deus descia ao mundo subterrâneo e tornava-se o senhor de tudo o que é escuro, oculto e misterioso. A Deusa era a Anciã, a Senhora da magia, uma figura paradoxal, pois é, ao mesmo tempo, viúva – capaz de compreender o sofrimento humano – mãe – por carregar em seu ventre escuro seu futuro filho, como uma semente de luz.

Em *Yule*, o solstício de inverno, o Deus renasce, como filho divino da Deusa e de si mesmo. A Deusa, então, assume a plenitude de seu aspecto de Mãe.

Em *Imbolc*, o Deus e a Deusa são jovens, cheios de energia e promessas; a natureza revive e desabrocha. Em *Ostara*, no equinócio da primavera, a natureza floresce e se rejubila na antecipação da união do Deus e da Deusa em *Beltane*. A Deusa, como Donzela, abençoa e promove a fertilidade das plantas e da terra.

Em *Beltane*, o Deus e a Deusa celebram seu Casamento Sagrado, abençoando a fertilidade humana e animal.

Em *Litha*, toda a natureza frutifica. A Deusa está grávida com as plantações que serão colhidas em breve e o Deus está mudando a sua face, que começa a tornar-se escura à medida que o Sol se distancia e a luz começa a diminuir.

Em *Lammas*, o Deus e a Deusa presidem sobre a colheita, mas ele se sacrifica, morrendo quando os grãos são colhidos. É seu sacrifício que vai alimentar a humanidade e oferecer as sementes para um novo plantio.

Em *Mabon*, a Deusa é uma Mãe amadurecida e sábia, enquanto o Deus é apenas uma presença sutil, percebida nas celebrações das últimas colheitas e nos preparativos para a aproximação da escuridão.

E o ciclo se fecha em *Samhain*, recomeçando novamente”. (FAUR, 2020, p. 427-428).

identificação. Com esse grupo, ambos sentimentos de identidade e reconhecimento trouxeram para as mulheres, tanto no período pré-capitalista como no capitalismo contemporâneo, consequências diretas e indiretas sobre os seus próprios corpos.

Este artigo tem como objetivo propor uma discussão filosófica acerca dos corpos das mulheres, por meio da qual nos perguntamos: quem eram as bruxas e de que maneira seus corpos foram tratados socialmente no período medieval? De forma idêntica, trazemos outro questionamento: quem são as bruxas e como é o modo como são tratados esses corpos na contemporaneidade pela sociedade? Tais perguntas, por si mesmas, apresentam a temática de investigação filosófica deste artigo, que busca apresentar análises críticas através de um “diálogo” por meio dos referenciais teóricos presentes nos conceitos elaborados por Theodor W. Adorno, e nos conceitos elaborados por Michel Foucault sobre os corpos das mulheres etiquetadas socialmente como bruxas e o modo de produção da sociedade nas quais estão inseridas.

Existe uma diversidade de versões no campo da etimologia, defendidas por historiadores e antropólogos para explicar a origem dessa marca, desse rótulo, desse *ticket* – bruxa. Segundo Hirasike e Bastazin (2021), nos idiomas de origem latina utilizados inicialmente pela Igreja Católica, esta palavra estaria diretamente relacionada ao verbo italiano “*bruciare*”, que, traduzido, significa “queimar”. Nessa versão, acredita-se que o fato de as pessoas coletivamente gritarem “*Bruciare*” no momento em que as bruxas estavam sendo queimadas vivas, fez com que se associasse aquele verbo como vocativo “Bruxa”, principalmente entre aqueles que não falavam a língua italiana. As autoras também sinalizam que, no idioma inglês – que possui origem germânica –, o vocativo Bruxa seria sinônimo de mulheres que possuiriam poderes sobrenaturais malignos. Há, ainda, mais uma versão, cuja origem seria anterior ao Cristianismo, com fundamento no inglês arcaico, significando “mulheres sábias e mágicas”, o que revelaria que a conotação pejorativa para esse vocativo tenha sido adicionada ao termo por influência daquela doutrina cristã, sendo, portanto, um significado antagônico daquele postulado historicamente pelas pagãs matriarcas.

Francisco José de Goya (1746-1828) pintou uma série de obras intituladas de “pinturas negras” ou “pinturas escuras”. Nesta série, o artista produziu pinturas que criticavam a perseguição que a Inquisição impôs às pessoas durante a Idade Média. Dentre elas, existem duas telas de mesmo nome “*Aquelarre*”, que significa “Sabbat das Bruxas”. Em uma delas, o bode que representa o demônio é jovem, enquanto na outra, o bode que simboliza o demônio está velho. Por analogia, seguimos apresentando o bode jovem – retratado em uma das suas telas –, como sendo a alegoria de relações entre o modo de produção feudal e os corpos das mulheres consideradas bruxas; por meio da outra pintura, mostramos o bode velho caracterizando o capitalismo contemporâneo e suas relações com os corpos das mulheres que, direta ou indiretamente, se relacionam com concepções sociais de bruxas presentes em diferentes meios de comunicação.

1.1 Feudalismo, corpos e mulheres: as bruxas ontem e o bode jovem na pintura "O Sabbat das bruxas" de Francisco José de Goya

Figura 1 — Pintura: O Sabbat das Bruxas¹



Obra de Francisco José de Goya (1746-1828)

No interior da diversidade de versões etimológicas, citadas anteriormente para o vocativo "Bruxa", é possível constatar dois pontos de enfrentamento anárquico do paganismo frente ao poder do cristianismo — quando este exercia a função de Estado —, legislando e julgando as pessoas: a oposição aos dogmas cristãos e a oposição à organização hierárquica interna da Igreja Católica, à qual se fundamentava em princípios patriarcais, na contramão dos rituais pagãos, cuja organização ainda é matriarcal. Nessas celebrações, temos rituais protagonizados por mulheres com funções hierárquicas, como as de sacerdotisas, considerados inadmissíveis para o patriarcado autoritário presente no Cristianismo (BARROS, 2001). Nesse confronto entre cristianismo e paganismo, a principal causa de denúncias, perseguição, julgamentos e assassinato de mulheres acusadas de bruxaria estão em direta relação com os Sabbats. Em tal confronto, passam a desempenhar papel histórico central.

O profundo interesse em eliminar os Sabbats residia na importância antropológica para a organização da vida pagã. Aquele extermínio significava, para a Igreja Católica, a destruição do paganismo e, com isso, a garantia da manutenção do seu poder como Estado. Em uma perspectiva crítica, como a da Escola de Frankfurt, o que determinou o assassinato das mulheres acusadas de bruxaria – no período de transição do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista –, foi o ódio totalitário e autoritário ao paganismo enquanto dogma e o ódio às mulheres organizadas socialmente em pressupostos matriarcais.

Em *Educação após Auschwitz*, Adorno (1995, p. 119) inicia o texto com a seguinte determinação para uma educação social que se pretenda

¹ A pintura citada de Goya pode ser visualizada no seguinte link: <https://descontexto.com.br/quinta-del-sordo-goya/>.

emancipatória: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. [...]. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita”.

Todo o nosso artigo é uma paráfrase a esse posicionamento filosófico de Adorno, mas com relação ao feminicídio protagonizado de modo monstruoso, envolvendo complexos rituais antropológicos com violências extremas – tanto no âmbito objetivo como no âmbito psicológico das suas vítimas pela Igreja Católica por meio da Inquisição –, no fenômeno de caça às bruxas como mecanismo de eliminação de corpos considerados subversivos para a época. Se nesse período os corpos das bruxas sofreram longos processos de perseguições, julgamentos, torturas e eliminação via enforcamento ou sendo queimados com as mulheres ainda vivas nas fogueiras, como os corpos dessas bruxas se apresentam na contemporaneidade? Nesse momento histórico, o capitalismo – tal como o bode jovem –, ainda se encontra em transição para a vida adulta.

1.2 Capitalismo, corpos e mulheres: as bruxas hoje e o bode velho na pintura de Francisco José de Goya

Figura 2 — Pintura: O Sabbat das Bruxas¹



Obra de Francisco José de Goya (1746-1828).

Se no período pré-capitalista ocorreu um processo social de rotular de modo objetivo e subjetivo as vítimas assassinadas, em decorrência do estigma “Bruxa”, e que, durante os julgamentos, tal estigma era procurado no próprio corpo da vítima pelos algozes da Inquisição, em forma de marcas de nascença (FEDERICI, 2017). No capitalismo contemporâneo, essa ideia negativa arraigada na sociedade passa por uma metamorfose complexa em sua estrutura interna e externa, na qual, tanto a categoria de análise “mentalidade do ticket” formulada por Adorno (2010), quanto a analítica de poder disciplinar e biopolítico, sobretudo nas formas de produção da sexualidade desenvolvida por Foucault, carregam elementos para o entendimento desse fenômeno na contemporaneidade.

¹ A pintura citada de Goya pode ser visualizada no seguinte link: <https://descontexto.com.br/quinta-del-sordo-goya/>.

Adorno (2010), em *Teoria da Semiformação*, define o conceito “mentalidade do ticket” como a tendência social objetiva que o capitalismo possui, na contemporaneidade, de instalar subjetivamente uma espécie de “é isso sem julgamento”, que é inseparável do processo objetivo desencadeado pela indústria cultural e que tem como característica central a imediaticidade e, por consequência, a semiformação.

Se durante o feudalismo, foi necessária a instauração legal por parte da Igreja e da Inquisição de longos processos de perseguição, julgamento, tortura – encontrando seu apogeu no assassinato das mulheres acusadas de bruxaria –, e, portanto, submetidas a um processo carregado de ampla mediação para que tais estigmas se internalizassem de maneira coletiva, Adorno (2010) permite-nos pensar, com relação às bruxas, sobre uma metamorfose que ocorre nesse processo coletivo de adoção de forma inconsciente de rótulos, no qual de mediados tornam-se imediatos no capitalismo contemporâneo. Um processo social de instauração coletiva de um “é isso sem julgamento”, isto é, de mentalidades etiquetadas de modo coletivo com relação às bruxas, mas que se processa de modo imediato via indústria cinematográfica, na publicidade, nas propagandas, e, sobretudo, nas redes sociais.

Atualmente, se qualquer usuário das redes sociais virtuais digitar a palavra “bruxa” como termo de busca, ou no Facebook ou Instagram, encontrará uma ampla diversidade de resultados. Precisamente nesse fenômeno é que encontramos uma linha que atravessa os corpos dessas bruxas na transição do feudalismo para o capitalismo. Se no feudalismo esses corpos sofriam com o imperativo de serem obrigados a se ocultar, na atualidade eles sofrem com a imposição de se exporem. O capitalismo simbolizado pelo “bode velho” – e, portanto, mais maduro –, parece ter encontrado estratégias mais eficientes de subjugar e eliminar os corpos das mulheres sem precisar, contudo, assassiná-las à medida que, simultaneamente, produz todas as condições sociais para o feminicídio como prática cotidiana.

Nesse sentido, quais instrumentos teóricos e conceituais Adorno e Foucault oferecem para o entendimento desse fenômeno complexo como diagnóstico para o enfrentamento à barbárie contra os corpos das mulheres? É nessa resposta que se encontra o nosso método, metodologia, tipo de pesquisa e tipo de abordagem como tentativas de desmitologização simbolizada neste artigo, por meio da figura do “bode nas pinturas de Goya” como sendo o modo de produção da sociedade.

2. A desmitologização do método em Adorno e Foucault: a prioridade do objeto e a criação de dispositivos como ponto de intersecção epistemológica crítica

Se eu tivesse conhecido a tempo a Escola de Frankfurt, muito trabalho me teria sido poupado. Eu não teria dito tantas tolices, teria evitado muitos rodeios tentando não me enganar, quando a Escola de Frankfurt já tinha aberto o **caminho** (FOUCAULT, 1983, p. 24, grifo nosso).



O significado grego da palavra “método” é formado pela aglutinação das palavras gregas “meta” (o que se pretende alcançar ou direção predeterminada) e “hódos” (caminho), que significa “caminho que conduz” para se chegar a algum lugar, com um objetivo específico. Utilizado no campo da filosofia e, mais especificamente, nas áreas dos estudos em epistemologia e em teoria do conhecimento, o método é dotado de extrema importância para o desenvolvimento das ciências porque trata dos fundamentos, segundo os quais se produz o conhecimento em sua multiplicidade de áreas de investigação (RAMPAZZO, 2002).

Feyerabend (1989), em sua obra *Contra o método*, que ele define como sendo uma teoria anarquista sobre a teoria do conhecimento, pontua que nenhum método deve ser tratado como dogma, isto é, de modo mitologizado, subjugando os objetos de investigação, sejam eles da área das ciências exatas e naturais, sejam eles da área das ciências humanas.

Comungando desse posicionamento anárquico de Feyerabend (1989) com relação aos métodos, embora com posicionamentos metódicos distintos, é possível sinalizar um ponto de encontro entre Adorno e Foucault, mesmo com o fato de, academicamente, eles serem enquadrados como pensadores das tradições moderna e pós-moderna, ou ainda representantes do pensamento crítico e pós-crítico. Tal ponto de encontro pode ser considerado em um dos elementos metodológicos da dialética negativa criada por Adorno na obra *Dialética Negativa* (2009), que ele denominou de “prioridade do objeto”, e na defesa pela criação de dispositivos de investigação segundo as orientações elaboradas por Foucault na obra *Em defesa da sociedade* (1995), em sua “Aula de 14 de janeiro de 1976”. Tanto a exigência pela “prioridade do objeto”, em Adorno, como a exigência de Foucault pela criação de dispositivos analíticos a cada investigação realizada, possui um ponto em comum de intersecção: a defesa metódica para que seja o objeto de investigação a determinar o método, e jamais o movimento oposto do método definindo seu objeto. Ambas as exigências metódicas, quando aplicadas, esfacelam qualquer relação dogmática e, portanto, mitologizada, entre método e objeto.

De posse desses dois pontos metódicos convergentes e críticos, o objetivo deste artigo é: analisar filosoficamente como ocorre a captura objetiva e subjetiva dos corpos das mulheres etiquetadas como “Bruxas” nas redes sociais virtuais – com suas publicidades e propagandas produzidas no sistema capitalista de produção contemporâneo –, e gerenciadas pelos algoritmos como mecanismos violentos e de incitação a várias manifestações de violências contra as mulheres, e também como ocorre a diversidade de violências geradas contra elas nas redes sociais presenciais.

Nossas análises possuem característica filosófica, e elegem como referenciais teóricos de fundamentação de nossas teses os escritos de Theodor W. Adorno e Michel Foucault. Sendo assim, trata-se de uma pesquisa filosófica de tipo bibliográfica, com abordagem qualitativa dos dados que são conceituais, respeitando os pressupostos do que Horkheimer e Adorno (1991) denominaram

de “teoria crítica” em oposição à teoria tradicional de vertente cartesiana e positivista de absolutização dos dados, como sinônimo de explicação em si mesmo dos fenômenos sociais. Para os frankfurtianos, todos os que recusam tais premissas cartesianas e positivistas podem ser considerados como críticos, o que, nesse sentido, aglutina os escritos de Foucault. Desse modo, como objetivo geral, perguntamo-nos: como os corpos dessas “bruxas da contemporaneidade”, ou seja, das mulheres (em uma análise filosófica amparada nos escritos de Adorno e Foucault) são capturados pelo e no modo de produção capitalista.

3. Foucault e os dispositivos de captura do corpo

A analítica do poder proposta por Michel Foucault sugere que o ponto de partida para apreensão do poder deve ser o das ramificações capilarizadas. É preciso partir de baixo, começar “dos mecanismos infinitesimais” (2010a, p. 27) e percorrer os caminhos traçados por meio de técnicas próprias a esses mecanismos, além de identificar a necessidade de serem investidos, mobilizados e modificados por formas atualizadas de dominação geral. Parte-se de capilares para encontrar a atualidade em formas mais amplas de exercício vigente do poder. Como as formas mais baixas e próximas aos mecanismos ordinários de controle, atuaram no interior de dispositivos da vida familiar, dos pequenos níveis de laço entre os indivíduos, a escola, os discursos médicos sobre o corpo, os modos de funcionamento de repressões e exclusões que fazem operar, de maneira real, por agentes pertencentes à vida cotidiana, às esferas mais baixas da sociedade.

A tradição da filosofia política essencializa o poder ao localizá-lo, de maneira concentrada, nas mãos da figura do soberano. Contudo, o poder não é algo que alguém possui e pode ser aplicado sobre outrem. Ao contrário, segundo Foucault, o poder deve ser entendido a partir da sua dinâmica de circulação, nas capilaridades que instaura, pelos circuitos e redes que ele exerce. Ele acontece em um jogo de forças entre um ponto e outro, estabelecendo redes nas quais funciona. Atravessa os corpos, circula pelos indivíduos submetidos ao exercício do poder. Portanto, “o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles” (FOUCAULT, 2010a, p. 26). E, neste sentido, os corpos serão submetidos a exercícios de poder que se moldam e, ao mesmo tempo, engendram corpos em consonância com o funcionamento capitalístico.

A sugestão *foucaultiana* para pensar o poder que incide sobre o corpo, é tomar um caminho diferente da filosofia política, e “em vez de formular esse problema da alma central, eu acho que conviria tentar – o que eu tentei fazer – estudar os corpos periféricos e múltiplos, esses corpos constituídos, pelos efeitos do poder como súditos” (FOUCAULT, 2010a, p. 26). Como os corpos foram se tornando submetidos em níveis ínfimos, também as forças, o pensamento e o desejo foram gradualmente transformados em matéria de submissão. Para tanto, faz-se necessário que se inverta a estrutura *hobbesiana* para que se possa “aprender a instância material da sujeição” (FOUCAULT, 2010a, p. 25).

As forças que ordenam o capitalismo capturaram o corpo, estabelecendo certa ligação com um interesse e uma lucratividade que a burguesia soube explorar. Tal exploração acontece por meio de diversas transformações que ocorreram tanto na direção de uma lucratividade, quanto da utilidade capaz de ser obtida, ou seja, estabelecendo formas de obtenção maior de rendimento e maximização dos corpos produtivos. Neste sentido, situada em ligação ao princípio de calculabilidade da filosofia utilitarista – de Jeremy Bentham e John Stuart Mill (LAVAL, 2020) –, a disciplina produzirá todo o investimento no corpo para torná-lo dócil a fim de otimizar suas ações e torná-lo útil (FOUCAULT, 2004).

A emergência histórica de técnicas de poder, por volta dos séculos XVII e XVIII, tanto dos mecanismos disciplinares que aparecem como uma “nova técnica de gestão dos homens” (FOUCAULT, 2007a, p. 105), quanto do “surgimento da ‘população’ como problema econômico e político” (2010b, p. 31), configuram os tais planos – disciplinar e biopolítico. Esses planos coexistem na composição do tecido social (FOUCAULT, 2006b, 2007b) e participam, de maneira significativa, na dinâmica do capitalismo porque funcionam em um jogo de articulação capaz de capturar tanto o corpo individual (por meio da disciplina) quanto o corpo-espécie (por meio do controle dos corpos exercido sob a forma de uma biopolítica que instaura a população).

No que diz respeito à disciplina, esta incide sobre o corpo individual em espaços cuja configuração arquitetônica promove um tipo de vigilância permanente – Panopticon –, uma espécie de olhar onipresente com o objetivo de maximizar os efeitos das atividades dos indivíduos, decompondo cada gesto, cada articulação, em detalhes mínimos, para recompô-los sob a forma de um corpo dócil, capaz de executar atividades com o máximo de precisão e o menor dispêndio de movimentos desnecessários. Anátomo-política do corpo é uma arte de distribuição dos corpos no espaço, que exige vigilância constante e atividade contínua de técnicas de registro que produzem classificações e formam saberes.

Idealizado por Jeremy Bentham (2008), o Panopticon é o modelo que configura a máxima utilidade extraída do corpo individual por meio do processo disciplinar. A proposta de sua implementação deve ser adaptada a diferentes instituições, isto é, pode ser aplicada ao hospital, à escola, à prisão, ao manicômio, ao quartel. Em tais espaços, a gestão do indivíduo é feita por meio da distribuição de cada corpo em um lugar individualizado, logo, a cada indivíduo cabe um leito no hospital, uma carteira na escola ou uma cela na prisão; cada gesto do indivíduo é decomposto e está submetido ao olhar permanente da vigilância. É, portanto, a função individualizante (FOUCAULT, 2006a) que responde pela forma produtiva, a qual gestos e ações de um corpo são dirigidos pela maximização de utilidade. É um processo que implica em um detalhamento do corpo individual, o qual atua por meio do dispositivo panóptico e produz, progressivamente, um corpo disciplinarizado, submisso e, portanto, útil. No trecho a seguir, Foucault é preciso ao dizer que:

O panoptismo não foi confiscado pelos aparelhos de Estado, mas estes se apoiaram nessa espécie de pequenos panoptismos

regionais e dispersos. De modo que, se quisermos apreender os mecanismos de poder em sua complexidade e detalhe, não poderemos nos ater unicamente à análise dos aparelhos de Estado (FOUCAULT, 2007a, p. 160).

Além da anátomo-política que incide sobre o corpo individual, o poder se organizou sobre a vida por meio da disciplina e das regulações da população. O poder de tirar a vida dá lugar às técnicas de sua preservação e prolongamento. A biopolítica toma o corpo vivo em procedimentos que multiplicam e prolongam a vida. É na constituição dos Estados, enquanto instituições de poder, que se orientam por preocupações que relacionam a acumulação do capital e o crescimento populacional à necessidade de estabelecer regulações dos grupos humanos, da instância do vivo e, portanto, da população. "O investimento sobre o corpo vivo, sua valorização e a gestão distributiva de suas forças foram indispensáveis naquele momento" (FOUCAULT, 2010b, p. 153-154).

O corpo será marcado como objeto de interesse público por meio de outra via: o sexo. A administração empreenderá formas de gestão do sexo, nos quais podem-se inserir modos de calculabilidade da regulação com o objetivo de fixar padrões de administração e policiamento do sexo. Tal administração como estratégia, toma a regulação das questões que envolvem este tema por meio de discursos de utilidade, cuja maximização das forças controla.

Segundo Dreyfus e Rabinow (2013, p. 234), "o sexo é a ficção histórica que fornece o elo entre as ciências biológicas e as práticas normativas do biopoder". A administração como estratégia toma a regulação do sexo por meio de discursos de utilidade, cuja maximização das forças controla. Contudo, neste sentido, é importante a diferença entre sexo e sexualidade.

Sexo diz respeito à questão familiar de transmissão de herança e se configura, portanto, como "dispositivo de aliança" (FOUCAULT, 2010b, p. 117). Delineado por códigos legais e mandatos religiosos, o sexo é o registro que está no centro das questões da propriedade, da transmissão, da geração e dos laços familiares que obedecem a leis que organizam que a sociedade.

A sexualidade, por outro lado, se constitui historicamente enquanto dispositivo que, se afastando da aliança, é produzida por meio da incitação discursiva como forma de controle sobre os corpos. Nas palavras de Foucault, a sexualidade é uma "grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder" (FOUCAULT, 2010b, p. 116-117).

A sexualidade pode ser pensada a partir da identificação de quatro conjuntos estratégicos, nos quais o poder está fundido ao saber, e se dissemina na forma de mecanismos específicos que se reproduzem em torno da sexualidade. Conforme Foucault (2010b), há quatro conjuntos estratégicos que passam pelo corpo, a saber: Os conjuntos estratégicos (FOUCAULT, 2010b) que passam pelo corpo, a saber: 1) histericização do corpo das mulheres: o corpo

das mulheres foi histericizado por meio de um investimento intensivo que o submeteu à condição de objeto de investigação permanente, uma vez que a ele foi atribuído o domínio de uma patologia intrínseca: uma espécie de cuidado constante a ser tomado devido à responsabilidade pela maternidade. O corpo da mulher foi dotado de uma sexualidade misteriosa que o atravessou por completo, cujo mistério imanente ganhou muitas descrições e classificações do discurso analítico da medicina. É feita a junção do individual com a saúde da população, e se estabelece uma ligação entre o orgânico individual e a dimensão social; 2) pedagogização do sexo das crianças: o onanismo infantil passa a ser perseguido pela produção de um discurso de biopoder que se expande, e passou a ser objeto de preocupação tanto individual quanto coletivo. Dona de uma sexualidade que em seu caráter ambíguo é natural e, ao mesmo tempo, contranatural, isto é, perigosa, a criança deveria ser vigiada pelos adultos: pais, familiares, professores, médicos, psicólogos. Estes lançaram mão de inúmeras técnicas de controle e de moralização a fim de transformar o prazer em um segredo. No entanto, fabricaram-no para que fosse descoberto. Forçar a esconder a masturbação da criança para que seja revelada, e, dessa maneira, incitar-lhe a culpa. O poder encontra formas de enraizamento e capilarização com o suporte desse conjunto amplo de técnicas de vigilância; 3) socialização das condutas procriadoras: o casal de futuros pais passou a ter a responsabilidade de proteger o corpo das consequências que uma sexualidade descuidada poderia acarretar na saúde da população. Ao mesmo tempo, o Estado passa a implementar medidas sociais e fiscais que têm por função incentivar ou impedir a fecundidade dos casais. A expansão da regulação da sexualidade promove uma vigilância sobre as condutas sexuais, a fim de evitar que práticas engendrassem formas de perversão sexual e doenças que pudessem gerar consequências no corpo social; 4) psiquiatrização dos prazeres perversos: a ciência sexual produzirá um amplo rol de patologias, deformações das condutas sexuais, perversões que podem afetar o instinto sexual saudável. Esse processo fará o isolamento do sexo, instituindo-o como instinto, cuja dupla atuação ocorre tanto no plano biológico quanto no psíquico. A proliferação de classificações das anomalias sexuais conferiu realidade ao promover o detalhamento dos indivíduos, que permitiu conhecer em profundidade a vida dos indivíduos e estabelecer regulações mais precisas. Nesse sentido, qualquer comportamento estaria sujeito a ser enquadrado nas categorias que organizavam as experiências do instinto sexual, estabelecendo processos de normalização. A partir do diagnóstico, conforme suas classificações científicas, a perversão podia ser identificada e submetida às tecnologias de correção das condutas anômalas.

Essas estratégias produziram “Toda uma nova “ortopedia” do sexo [que] encontrou sua justificativa” (DREYFUS; RABINOW, 2013, p. 227-228). À medida que o corpo assentou a sexualidade, evidenciou-a impulsionando a ciência a produzir discursos detalhados sobre esse corpo e, conseqüentemente, sobre os aspectos mais ínfimos, sejam biológicos ou psicológicos. É estabelecida a ligação entre poder e prazer. Uma profusão de discursos de verdade que capturam o corpo, os corpos das mulheres, das crianças, do casal, dos ditos perversos, dos

homossexuais, será incitada, proliferada, amplificada nas múltiplas formas de exercício do poder, que se atualizam no desenrolar do capitalismo no mundo.

3.1. Indústria cultural e a produção objetiva de mulheres como corpos subjetivamente semiformados

Símbolo de uma consciência que renunciou à autodeterminação, prende-se, de maneira obstinada, a elementos culturais aprovados. Sob seu malefício gravitam como algo decomposto que se orienta a barbárie. Isso tudo não encontra explicação no que tem acontecido ultimamente, nem, certamente, como expressão típica da sociedade de massas, que, aliás, nada consegue explicar mesmo, apenas assinala um ponto cego ao qual deveria aplicar-se o trabalho do conhecimento. Apesar de toda a ilustração e de toda informação que se difunde (e até mesmo com a sua ajuda), a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual, o que exige uma teoria que seja abrangente (ADORNO, 2010, p. 9).

Um conceito que colabora para o aprofundamento do diagnóstico social complexo, presente nas denúncias realizadas por Foucault (em relação ao panoptismo como mecanismo de disciplinarização dos corpos das mulheres para a sua maximização utilitária, aliada ao controle da disseminação em massa das imagens desses corpos como mecanismo de gestão do sexo, como administração da sexualidade) é o denominado por Horkheimer e Adorno (1985) na obra *Dialética do Esclarecimento*, de "indústria cultural". Tal conceito amplia o entendimento desse diagnóstico, tanto nas esferas macro e micro social, como nas instâncias objetivas e subjetivas que compõem as vidas dessas mulheres como corpos sujeitados.

Na perspectiva da teoria crítica da sociedade, é impossível acionar o conceito "indústria cultural" de maneira dissociada do conceito de "semiformação cultural" para tecer análises de fenômenos sociais. Trata-se de categorias de análise que representam o que, por analogia, podemos comparar como as duas facetas de uma mesma "moeda". Como "cara e coroa" de uma mesma complexa realidade social, a indústria cultural seria a face objetiva da face subjetiva provocada pela semiformação cultural, ou esclarecido que, em outros termos, a disseminação objetiva da indústria cultural só se torna possível por meio de subjetividades semiformadas. Essa interdependência de conceitos é possível de ser identificada no texto de Adorno (1987) intitulado de "A indústria cultural":

[...]. O efeito de conjunto da indústria cultural é o de uma antidesmistificação, a de um anti-iluminismo (anti-Aufklärung); nela, como Horkheimer e eu dissemos, a desmistificação, a Aufklärung, a saber a dominação técnica progressiva, se transforma em engodo das massas, isto é, em meio de tolher a sua consciência. Ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente.

[...]. Se as massas são injustamente difamadas do alto como tais, é também, a própria indústria cultural que as transforma nas massas que ela depois despreza, e impede de atingir a emancipação, para a qual os próprios homens estariam maduros quanto as forças produtivas da época o permitiriam (ADORNO, 1987, p. 295).

São os indivíduos portadores de subjetividades semiformadas que produzem e reproduzem a indústria cultural, ao mesmo tempo que são educadas por ela para permanecerem semiformados nos âmbitos consciente e inconsciente. Nesse ponto específico, o diálogo entre os teórico-críticos se estabelece com os escritos psicanalíticos de Freud sobre a relação sujeito e sociedade. Para além de Freud e a psicanálise, nos conceitos “indústria cultural e semiformação” é possível visualizar a diversidade de tradições filosóficas, das quais o pensamento teórico-crítico de Adorno se fundamenta: a importância e problemática da subjetividade no processo formativo, sendo Kant uma influência, a dialética histórica de Hegel, o materialismo de Marx e, conforme mencionamos, o inconsciente abordado por Freud, entendido pelo frankfurtiano como subjetividade portadora de objetividade que impõe limites ao esclarecimento racional e ao ideal moderno de absolutização da razão como emancipação social. Isto é, uma diversidade de influências filosóficas que marcam a trajetória histórica dos intelectuais da Escola de Frankfurt (FERREIRA, 2020).

O conceito “Indústria Cultural” surge da necessidade de se explicar as metamorfoses no sistema capitalista de produção e as consequências objetivas e subjetivas na vida das pessoas advindas das tecnologias, portadoras da possibilidade de produzir comunicação em massa. Nesse contexto histórico, as reflexões sobre a televisão, o rádio e o cinema ganham notoriedade para os escritos dos frankfurtianos.

Em uma interpretação limitada e, portanto, equivocada, o conceito “indústria cultural” pode ser reduzido somente às investigações relacionadas com a produção das artes e investigada pela filosofia no campo da estética. Tais investigações procedem, porém o conceito “indústria cultural” vai além da discussão sobre a industrialização dos bens artísticos. Trata-se de um conceito que se ocupa da análise da industrialização da cultura como um todo, ou seja, sobre todos os temas culturais que fazem parte do cotidiano da vida das pessoas, ou seja, sobre a cultura de toda a sociedade em sentido amplo. Nesse modo ampliado, a categoria de análise “indústria cultural” carrega potência filosófica para a investigação sobre os corpos das mulheres, em uma sociedade massificada pela mediação das tecnologias da comunicação e pela globalização do sistema capitalista de produção. Tanto os corpos físicos como os corpos virtuais sofrem o processo cultural de industrialização de si mesmos:

Assim, calculada desde a sua concepção em função da comercialização, a produção cultural perdeu o seu sentido; a cultura que, de acordo com seu próprio conceito, não só obedecia aos homens como servia de instrumento de protesto contra a

letargia, agindo no sentido de promover uma maior conscientização e, portanto, humanização, passou – a partir do controle social decorrente do planejamento maciço da indústria cultural – a promover exatamente a letargia, pois é do interesse da indústria cultural que as massas permaneçam amorfas e acríticas, que não se emancipem. (ADORNO, 1995, p. 237-238).

Quando Adorno disserta sobre a indústria cultural, em virtude do avanço tecnológico de sua época com um modo de produção que ele nomeava de capitalismo tardio, seus escritos tratam principalmente dos filmes, do rádio e da televisão. O teórico crítico não viveu para analisar a problemática da indústria cultural no contexto da internet e das redes sociais. Nesse contexto, tal conceito nos ajuda a tecer análises sobre como a imagem virtualizada dos corpos das mulheres é calculada desde a sua concepção até o seu consumo via visualização como mercadoria. Nesse contexto, os corpos deixam de ser parcialmente mercadorias e se tornam mercadorias de modo integral, e com uma fundamentação narcísica que a sustenta de modo coletivo. Temos mais uma das metamorfoses da sociedade do consumo com seus fenômenos de inovação estética das mercadorias que, nesse caso, trata-se dos próprios corpos das mulheres (FERREIRA, 2020a).

Em seu texto “O que significa elaborar o passado” – com a influência da teoria psicanalítica de Freud –, Adorno (1995) faz-nos refletir que, quando uma barbárie do passado ainda não passou por um processo de resignificação que permita a eliminação das suas causas, é porque ainda temos as condições para a regressão de tal fenômeno que se repete, mas travestida de outras roupagens sociais. Infelizmente, o fenômeno de perseguição, julgamento e eliminação dos corpos das mulheres – como outrora ocorreu no sistema feudal de produção através do que manchou a nossa história nomeada de “caça às bruxas”, por meio da Inquisição –, ainda permanece ocorrendo todos os dias. Diariamente, as mulheres têm seus corpos subjugados e eliminados por uma complexa teia de violências objetivas e subjetivas, que se estabelece de modos objetivo e subjetivo no capitalismo contemporâneo, tanto de modo presencial como de modo virtual como faces de uma complexa e dialética totalidade social.

4. Diálogos entre Adorno e Foucault sobre o modo da “caça às bruxas” no capitalismo contemporâneo

Os intelectuais da Teoria Crítica da Sociedade ou Escola de Frankfurt, em nosso entendimento, compreenderam, com profundidade mais assertiva do que a de muitos discípulos de Marx, o que ele denominou de “modo de produção” em seus textos. O fundamento central do método marxista marxiano formulado pelo próprio Marx, e não pelo seus seguidores, responde que a única forma de se conhecer uma sociedade é entendendo e conseguindo explicar o seu modo de produção, ou seja, como esse modo de organização social produz a existência objetiva e subjetiva de seus membros.

A teoria crítica da sociedade ousou desbravar esse caminho ao afirmar que esse modo não se restringe apenas à economia, mas que envolve tudo o que

ocorre na vida dos sujeitos, desde a própria constituição das suas subjetividades a nível consciente e inconsciente, a política e a cultura, incluindo os momentos que as pessoas não estão em atividades diretamente relacionadas ao trabalho.

Para além disso, a teoria crítica da sociedade não se fecha em si mesma no diálogo com autores pós-críticos, porque entende que os mesmos podem auxiliar no diagnóstico desse modo de produção em aspectos mais micro da vida social, o que apresenta coerência com a sua proposta de pesquisa coletiva e interdisciplinar com todos aqueles que estão aglutinados no que Horkheimer e Adorno – em seu clássico texto “Teoria Crítica e Teoria Tradicional” –, nomeiam de críticos, como possibilidade de uma teoria abrangente sobre os complexos processos sociais. Nesse aspecto, consideramos que tanto Adorno como Foucault – com suas distintas análises críticas –, podem colaborar para o diagnóstico do complexo fenômeno da “caça aos corpos das bruxas” em nossa contemporaneidade, tanto de modo presencial como de modo virtual contra as mulheres, bem como em um complexo movimento dialético e, portanto, não dicotômicos na totalidade da realidade social de sofrimento desses corpos. Isto posto, seguimos com algumas possíveis análises filosóficas por meio do pensamento de Adorno e Foucault.

4.1. Capitalismo e o modo da caça aos corpos das “bruxas contemporâneas” nas redes sociais presenciais

O controle voltado para os corpos das mulheres nos dias de hoje atualiza formas de captura, destituição, deslegitimação e desumanização da sociedade. O que se agrava ainda mais quando pensamos nas mulheres pretas, quilombolas, indígenas, lésbicas, trans, faveladas e periféricas.

Os casos de estupro, feminicídio e violência doméstica, no Brasil, configuram índices muito altos e evidenciam o medo disseminado na sociedade. Segundo o relatório do Atlas da violência (CERQUEIRA, 2021, p. 41), o total de registros de morte violenta sofrida por mulheres nas residências, no ano de 2019, é de 33,3%. A análise das taxas de homicídios de mulheres entre os anos 2009 e 2019 indica um aumento significativo da violência doméstica. O relatório afirma que “enquanto os homicídios de mulheres nas residências cresceram 10,6%”, fora “das residências apresentaram redução de 20,6%” (CERQUEIRA, 2021, p. 41). Outro aspecto marcante é o aumento da taxa de homicídio de mulheres negras. Como apontam as informações do Atlas, “em 2019, 66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras” (CERQUEIRA, 2021, p. 38). Neste cenário, “enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras foi de 2,5, a mesma taxa para as mulheres negras foi de 4,1” (CERQUEIRA, 2021, p. 38).

Esses dados evidenciam modos de funcionamento que o ordenamento social, baseados no racismo e no sexismo, destina aos corpos das mulheres, sujeitando-os a explorações que configuram limitações de circulação, de aparecimento na esfera pública e de participação no campo social que, no limite, chegam à eliminação de suas existências. Podemos reconhecer isso no que bell hooks nomeia como “política sexual patriarcal” (HOOKS, 2020, p. 112), a qual

está relacionada com as estratégias de captura da sexualidade identificadas por Foucault. Tal política é responsável por colocar em ação formas de controle dos corpos das mulheres que passam pela limitação de sua liberdade sexual, da potencialidade reprodutiva por meio da manipulação de contraceptivos, e de atuação na esfera pública do trabalho.

O capitalismo se instala, de maneira essencial, nos processos de produção de subjetividade, modelizando as condutas, a sensibilidade e as sensorialidades atingindo até mesmo a modelização das codificações das formas de relação social e sexual (GUATTARI; ROLNIK, 2013). Dessa maneira, a produção e o consumo das relações sociais (de maneira ampla) estão articulados a formas de individualização codificadas e configuradas por serializações e normalizações engendradas pelo capitalismo global.

A exigência constante de adequação dos corpos a ideais fabricados pelo imperativo do consumo, impulsionam a indústria de cosméticos, de cirurgia plástica, de dietas e exercícios físicos modelando a subjetividade de maneira a colocar em curso transformações nos corpos, de modo a fazê-los se encaixar em padrões estéticos previamente estabelecidos (FERREIRA; SILVA, 2020).

O corpo gordo ou magro demais, o corpo enrugado ou que têm algum tipo de deficiência, ou seja, os corpos que não se perfilam aos padrões vendidos sofrem diversas formas de exclusão. Lélia Gonzalez (2020) identificava isso quando pensava sobre a condição da mulher negra como força de trabalho, e o declínio da indústria têxtil no Brasil entre os anos 1960 e 1980. As mulheres negras, em busca de novas oportunidades de trabalho, não eram aceitas para a função de secretária em repartições e atividades nos bancos e outros locais porque, segundo Lélia Gonzalez (2020, p. 57), o racismo determina que “o contato com o público exige “educação” e “boa aparência”. O racismo é componente estrutural das características estéticas que estabelecem a normatividade – leia -se: branca, europeia, heterossexual, cis. Portanto, a mulher negra será socialmente empurrada para os trabalhos de menor valor e prestígio na sociedade. A ela, de maneira comum, são relegadas atividades subalternizadas.

A despeito da pluralidade corpórea e suas performatividades, o imperativo desejanste é moldado pelo consumo de corpos, ditos saudáveis, delineado por academias de ginástica e artificialismos cosméticos de encaixe, no qual a mulher negra gorda, a mulher negra trans, a mulher indígena, a mulher oriental, a mulher envelhecida, têm sua imagem refletida pela distorção da defasagem. Ou ainda, mesmo aqueles corpos que supostamente atendem aos critérios imaginários de beleza, resta alguma incompatibilidade e, por conseguinte, vivenciam uma angústia. Há uma impossibilidade de adequação, a qual está colocada de saída, e que movimenta dispositivos de gestão do sofrimento, como por exemplo: anorexia (OLIVEIRA; SANTOS, 2018), bulimia (COSTA-VAL, *et al.*, 2019), ansiedade e insatisfação com a imagem corporal (REGIS, *et al.*, 2018) e de mortificação da potência dos corpos. São dispositivos de uma engrenagem que possui formas sutis de silenciamento dos corpos.

A expressão de autonomia das mulheres que alcançaram lugares de poder e de reconhecimento, que gozam de certa posição no campo do trabalho, a qual está em disputa com os homens, embora recebam salários menores do que os homens pela mesma função e vivenciam experiências de assédio moral e sexual, sofrem, justamente por isso: silenciamentos, impedimentos da sua singularidade, seu talento e qualidade profissional. Por mais que expressem suas características notáveis, continuam, de certa maneira, capturadas por formas de violações à dignidade e aos direitos. A caça às bruxas se atualiza nos dias de hoje.

4.2. Capitalismo e o modo da caça aos corpos das “bruxas contemporâneas” nas redes sociais virtuais

Com o advento da internet e do que podemos nomear de uma cibercultura (LÉVY, 1999), as relações sociais se tornaram ainda mais complexas com a mediação das tecnologias que redimensionaram a forma de interação entre as pessoas, tanto no âmbito da vida pessoal como no modo de organização do trabalho.

A imediatividade e a velocidade nas trocas de comunicação à distância, passam a ser uma das marcas da contemporaneidade (VIRILIO, 2009; CRARY, 2014) que realizam profundas mudanças no cenário global, sendo capaz até mesmo de inaugurar uma nova noção de tempo, ou seja, uma nova temporalidade (FERREIRA, 2017).

Tais características irão desencadear uma nova configuração, para o que Adorno (1987) nomeou de “indústria cultural” ao analisar os fenômenos sociais advindos da mediação tecnológica via rádio, cinema e televisão. Dentre as muitas metamorfoses que as interações sociais realizadas pela internet desencadeiam, gostaríamos de destacar cinco, que, em nosso entendimento, violentam os corpos das mulheres e suscitam uma espécie de nova roupagem social de perseguição aos corpos das mulheres, a saber: 1) a disseminação em massa das imagens dos corpos das mulheres, com seus recursos popularizados de edição e de publicação instantânea e imediata; 2) os celulares como extensão de seus corpos, aliados às gravações não solicitadas realizadas por esses aparelhos; 3) os algoritmos mapeadores da navegação e dos dados, como sendo sinônimo de extermínio do anonimato desses corpos; 4) a captura estética subversiva, transformada em produto estandardizado e destituído de crítica social; e, por fim, 5) a introdução de uma subjetividade narcisista coletiva, que mina a possibilidade de movimentos genuinamente críticos em prol de pautas coletivas.

Por meio dos escritos de Marx (1975) sobre o sistema capitalista de produção, no contexto histórico da Revolução Industrial, tivemos o esclarecimento de que todos os seres humanos se transformaram em mercadorias enquanto força de trabalho desempenhado pelos seus próprios corpos. Entretanto, essa realidade passa a ser redimensionada com o desenvolvimento crescente e complexo das tecnologias de comunicação de

massa: a imagem do corpo se torna mercadoria e precisa ser exposta e divulgada em massa. Não se trata, contudo, apenas da divulgação, a imagem precisa estar vinculada a uma forma de espetáculo que consiga um consumo em massa (DEBORD, 1997, 1998). Em outras palavras, "O espetáculo é o capital a um tal grau de acumulação que se torna imagem" (DEBORD, 1997, p. 25).

Se os corpos das mulheres etiquetadas como "bruxas" no período medieval – e que sofreram condenação à morte por esse rótulo –, precisavam ser escondidos nas interações sociais, atualmente, ao realizar uma busca por esse ticket "bruxas" nas diferentes redes sociais, de modo imediato irão aparecer vários perfis de pessoas, comunidades, páginas e blogs. Tal estigma deixou de sofrer o imperativo do ocultamento e passou a sofrer o imperativo da exposição, de um espetáculo, vinculado diretamente com o consumo de produtos. Tais corpos como mercadorias possuem uma ampla diversidade: vai desde a imagem da bruxa sexy – como sinônimo de empoderamento crítico feminino –, até trajes que auxiliam uma montagem estética, retratada em suas vestimentas como sinônimo de um corpo subversivo, isto é, um corpo contracultural. Tudo isso oferecido em larga escala pelo mercado virtual, apresentado e oferecido por meio do mapeamento da navegação na internet dessas usuárias, e realizado pelos algoritmos das redes. O mercado oferece todos os produtos que as mulheres necessitam para serem tipificadas como subversivas e feministas, empoderadas, no mesmo instante que estão completamente padronizadas no seu próprio corpo por meio da indústria cultural. Eis, a indústria cultural e a semiformação desencadeada por ela, roubando do estigma "bruxa" toda a sua história de resistência anárquica contra o controle sobre os corpos das mulheres.

Se no período da Idade Média esses corpos, para serem vigiados, necessitavam de um esforço presencial por parte daqueles que desejam controlá-los e puni-los, na contemporaneidade, esses corpos são vigiados em todos os momentos pelos algoritmos das redes sociais, pelos dispositivos de localização das pessoas e, até mesmo em gravações que os celulares realizam sem que haja permissão dos seus usuários. Eis o estágio absoluto de vigilância instalado e, por incrível que pareça, desejado por esses corpos. O conjunto de todos esses elementos citados servirá como base para a construção de um corpo coletivo dotado de subjetividade narcisista, inserido em um ciclo constante de interações sociais que, ao tratar o outro como objeto a ser consumido e descartável, inaugura um modo de organização social totalmente voltado para o individualismo.

As "bruxas da atualidade" confundem o empoderamento de seus corpos e da sua sexualidade com o processo de narcisismo e fetichização de si. Enfim, na ânsia pela libertação histórica de seus corpos e de sua sexualidade reprimida, entregam tudo o que o capitalismo e o machismo mais desejam para explorá-las de modo subjetivo e objetivo. Não é fácil escapar dessa armadilha da coisificação de si por meio de si, via espetacularização de autoimagem consumível. Um dos principais produtos da sociedade capitalista é o narcisismo coletivo, e é por meio dele que se criam falsas necessidades que desencadeiam um processo cíclico de escravização dos afetos. Nesse sentido, o empoderamento de característica subversiva nas redes sociais, por oposto que

possa aparentar, está muito mais presente no anonimato do que na exposição da autoimagem. Aquela que é verdadeiramente empoderada de seu corpo e de sua sexualidade, não possui a necessidade subjetiva de se expor para conseguir "migalhas de autoafirmação" presentes em toneladas de falsos *likes* nas redes sociais. Ela não precisa do outro para reafirmar quem ela é, na medida em que se sabe vista. Ela não precisa aparecer "sexy" em performances editadas, porque internamente ela já sabe que ela é tudo isso e muito mais! Tal movimento educativo possui uma potência pedagógica subjetiva e objetiva de libertação desses corpos. Enfim, quando liberta, ela sabe que ela é o paraíso!

Figura 3 — Pintura: "No paraíso"



Obra de Max Svabinsky (1918)

5. Considerações finais

A indústria cultural cria mercadorias padronizadas a serem consumidas, referentes ou associadas a fatos históricos que necessitam de ressignificação coletiva para que não haja repetição. É o caso dos campos de concentração nazista, da caça às bruxas e de tantas formas de extermínio de mulheres e dos corpos diversos. Tais formas de eliminação geram um efeito de travamento que impossibilita a ressignificação, na medida em que produz o esquecimento com relação a tudo o que envolve esses fatos históricos. Dito de outra maneira, os produtos da indústria cultural geram esquecimento social, cuja consequência é o impedimento da possibilidade de ressignificação. Uma das formas que ela gera esse esquecimento histórico ocorre pela forma de suavização de todas as monstruosidades em seus produtos nos mais diversos formatos, como filmes, séries e vestimentas. Este artigo procurou realizar, precisamente, o movimento oposto, que é o de lembrar de modo crítico, colaborando para a ressignificação.

A velocidade das redes sociais virtuais impulsiona a propagação de imagens, as quais povoam os referenciais estéticos, econômicos, políticos e de sociabilidade, dirigindo a subjetividade para atender aos imperativos de adequação e de consumismo. Tais imposições multiplicam formas de poder do corpo atravessado por saberes que regulam a sexualidade. Esta, diante da normatividade ordenada pelo patriarcado, põe em curso atualizações da assimetria das relações de poder, própria às mais diversas atividades, que se exercem no interior da família, nas relações de trabalho, nos espaços de lazer, na esfera pública, onde são atualizadas toda a sorte de violência contra as mulheres.

A caça às bruxas não ficou no passado distante dos séculos do cristianismo medieval, ao contrário, permanece ativa nos dias de hoje sob a forma do feminicídio, da violência doméstica, da moralização dos corpos por discursos religiosos que criminalizam o aborto e a vítima de estupro.

Um corpo com subjetividade liberta se recusa a se aprisionar em dinâmicas de interações sociais (sejam presenciais ou virtuais) fundamentadas em dependência emocional tóxica de eliminação de si sem si mesmo por um outro que em nome de uma falsa felicidade - muitas vezes nomeada de amor - o elimina em doses cotidianas de escravização: eis o dilema que todo corpo que se pretenda livre necessita enfrentar.

Portanto, faz-se necessário trazer à tona tais questões como modo de combater as formas contemporâneas de perseguição de todas as mulheres, principalmente negras e indígenas, de homossexuais, das pessoas transgênero, para que a fogueira se acenda não mais para queimar "bruxas", mas para celebrar a passagem das estações da história e da vida, como na roda do ano dos Sabbats: eis sua ressignificação como superação e emancipação social que impossibilita a repetição da barbárie.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. A indústria cultural. *In*: COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Cortez, 1987.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. Teoria da semiformação. *In*: PUCCI, B; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N; ZUIN, A. A. S. **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.



BARROS, Maria Nazareth Alvim de. **As Deusas, as bruxas e a Igreja:** séculos de perseguição. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2001.

BENTHAM, Jeremy. **O panóptico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BUCKLAND, Raymond. **O livro completo de bruxaria de Raymond Buckland:** tradição, rituais, crenças, história e prática. São Paulo: Pensamento: 2019.

CERQUEIRA, Daniel *et al.* **Atlas da Violência 2021.** São Paulo: FBSP, 2021.

COSTA-VAL, Alexandre; COELHO, Vívian Andrade Araújo; MACHADO, Marília Novais da Mata; CAMPOS, Rosana Teresa Onocko; MODENA, Celina Maria. Sobre anorexias e bulimias: concepções e suposições etiológicas na perspectiva dos profissionais de Saúde. **Interface.** Botucatu, SP, n. 23: e170293, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.170293>. Acesso em: 18 set. 2022.

CRARY, Jonathan. **24/7:** capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBORD, Guy. **Comments on the society of the spectacle.** New York: Verso, 1998.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault:** uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FAUR, Mirella. **O anuário da grande mãe:** guia prático de rituais para celebrar a deusa. São Paulo: Alfabeto, 2020.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

FERREIRA, Isabella Fernanda, SILVA, Josué Cuellar da. **A indústria cultural esculpindo corpos: reflexões teórico-críticas sobre mídia e escola.** In: Roselaine Ripa. (org.). Nexos entre a formação docente e as tecnologias digitais. 1 ed. Florianópolis: Editora UDESC, 2020, v., p. 36-56.

FERREIRA, Isabella Fernanda. O(a) intelectual em tempos de internet: a ética do(a) trabalhador(a) online. **IMPULSO: Revista de Ciências Sociais e Humanas,** Piracicaba, SP, v. 27, p.111-128, 2017.

FERREIRA, Isabella Fernanda. **Os ciclos de aprendizagem:** um ensaio frankfurtiano sobre a teoria de Perrenoud. Curitiba, PR: Editora CRV, 2020.



FERREIRA, Isabella Fernanda. Sociedade do consumo e o fenômeno da inovação estética das mercadorias: algumas considerações teórico-críticas. **Revista LibertAção**, Campina Grande, PB, v.1, p.1-18, 2020a.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. Que preço deve a razão pela verdade? **Um diálogo**, Spuren, n. 1, 1983.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**: curso dado no Collège de France (1973-1974). São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

FOUCAULT, Michel. **Seguridad, territorio, población**: curso en el Collège de France (1977-1978). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007a.

FOUCAULT, Michel. **Nacimiento de la biopolítica**: curso en el Collège de France (1978-1979). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007b.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976) São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010b.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização Flavia Rios, Márcia Lima. - 1a ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HIRASIKE, Roseli; BASTAZIN, Vera Lúcia. A figura da bruxa sob a perspectiva teórica de René Girard, na poesia de Amanda Lovelace. **Desenredo**, Passo Fundo, RS, v. 17, n. 3, p. 687-703, set./dez. 2021.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.



HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Teoria Crítica e Teoria Tradicional**. São Paulo: Abril Cultural, 1991.

LAVAL, Christian **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. São Paulo: Elefante, 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARX, Karl. Trabalho assalariado e capital. *In*: MARX, Karl; ENGELS, F Friedrich. **Obras escogidas de Marx y Engels**. Madrid: Fundamentos, 1975.

OLIVEIRA, Flavia Lana Garcia de; SANTOS, Tania Coelho dos. Considerações sobre as anorexias e as especificidades das neuroses contemporâneas. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 21, n. 2, p. 309-330, jun. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2018v-21n2p309.6>. Acesso em: 18 set. 2022.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: Loyola, 2002.

REGIS, Jacqueline M. Oliveira *et al.* Social anxiety symptoms and body image dissatisfaction in medical students: prevalence and correlates. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** [online], v. 67, n. 2, p. 65-73, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000187> Acesso em: 18 set. 2022.

VIRILIO, Paul **The aesthetics of disappearance**. Los Angeles: Semiotex(e), 2009.

Recebido em: 19 de setembro de 2022.

Aceito em: 26 de janeiro de 2023.

Publicado em: 17 de junho de 2023.

